

para uma explicação

por-LUIZ VIEIRA
(CONCLUSÃO)

Em 1900 a segunda revolução industrial está preparada. A exposição industrial desse ano marca uma data importante na história. A sua influência sobre a ideologia não deve desprezar-se. (Georges Friedmann em «A crise do Progresso» põe justamente em relevo essa influência das exposições industriais do século XIX e de 1900). A característica mais notável da 2.ª revolução industrial é a utilização em grande escala da energia eléctrica. Os resultados dessa utilização sobre as condições de vida, as indústrias e os transportes são demasiadamente conhecidas e por isso não insistiremos neste ponto.

Outra característica importante é a utilização de novos combustíveis.

Certas máquinas automáticas já diminuem a participação do homem na produção. Por enquanto, todavia, ainda não existe desemprego, mas simples deslocação de trabalho—os operários cujos trabalhos essas máquinas substituem encontram facilmente ocupação noutra oficina ou mesmo dentro da mesma em que trabalham.

Há uma espécie de febre inventiva neste período. Mas, nesta altura também, acentuam-se as concorrências imperialistas. Os grandes aumentos de produção exigem novos mercados. Por outro lado, o desenvolvimento dos transportes facilita a expansão económica. Os países especializam-se, mas nem por isso deixa de haver imperialismo, nem por isso deixa de pensar-se na partilha territorial do mundo. Os imperialismos, francês, inglês, americano e alemão, chocam-se em diversos pontos.

A época do antigo capitalismo essencialmente industrial, baseado na livre concorrência e na liberdade do comércio, cede ao capitalismo financeiro e ao capitalismo de monopólio.

Os E. U. da América estão à frente do movimento. Começa a produção em série. Fala-se em perigo americano. A Alemanha, que se industrializara rapidamente, faz concorrência pela baixa dos preços. Faz-se uma partilha colonial, em que a Alemanha e a Itália são as últimas a servir-se. Agora, a conquista violenta pelas armas sucede a conquista pelo comércio.

Há ameaças de guerra.

O desânimo começa a ganhar os espíritos. Não é ainda, porém, senão o prenúncio do que sucederá depois, durante o terrível «post-guerra». Mesmo a racionalização que começara na América com Taylor, começa a estender-se à Europa, e vem dar esperanças à burguesia nos seus destinos.

Taylor lançou nos fins do Século XIX a sua doutrina da «organização científica do trabalho», justamente durante o período de expansão económica dos E. U., dominados nessa época por um enorme entusiasmo pela produção. Cinge-se quasi só ao aspecto técnico da doutrina, mas aqui e acolá exprime as suas esperanças no progresso e na contribuição que o seu sistema virá trazer.

Taylor pretende substituir o empirismo, a rotina até então dominantes na execução do trabalho, por métodos científicos. Assim, procede ao estudo dos movimentos. Uma vez escolhido o «movimento tipo», uma secção existente na fábrica e especialmente destinada ao «controle» do trabalho, encarrega-se de impor as regras aos operários, que terão de realizar aquele movimento dentro dum espaço de tempo rigorosamente determinado. Toda a iniciativa é retirada ao operário e fica a cargo de uma repartição técnica. Intensifica-se a divisão do trabalho. Este torna-se cada vez mais monótono e mais pesado. O método de Taylor, uma vez aplicado, dispensa cada vez mais o trabalho humano.

Taylor encontra pela frente a resistência dos operários, que não querem submeter-se ao seu sistema. Alia-se, porém, com os patrões e vence essa resistência.

Taylor aspira à harmonia. Segundo ele, a luta entre operários e patrões é devida a uma má compreensão de uns e de outros dos seus verdadeiros interesses. O seu sistema não trará mal algum aos operários, pelo contrário, virá beneficiá-los, pois, aumentando a produção, os preços baixam, aumentando, portanto, o poder de compra das classes pobres.

Ao estenderem-se à Europa, as teorias da racionalização encontram pela frente, como Taylor anos antes, a resistência do operariado. Entretanto, o considerável aumento da produção tinha tornado ainda mais violento o choque dos imperialismos. E a guerra rebenta em 1914.

E' o fim do progresso? Não; o progresso ainda viverá. A própria guerra é feita em seu nome. Será a última de todas as guerras. As democracias (apoiadas na ideologia do progresso) farão depois reinar a paz entre os povos, a justiça social, a liberdade. A guerra é dirigida contra o absolutismo e o imperialismo alemães, contra a sua barbárie; é uma cruzada das democracias. E acredita-se. O presidente dos E. U., Wilson, é o grande paladino desta mística.

Muitos lutos se consolam ao calor destas esperanças. Os sacrifícios haviam sido dolorosos, mas não tinham sido vão. Funda-se a Sociedade das Nações, em que muita gente confia.

Porém, o «post-guerra» é terrível—há profundas crises económicas que provocam motins e revoluções. Pouco tempo depois a S. D. N. sofre as primeiras derrotas, e toda a sua vida posterior, como é sabido, não será mais que uma lenta agonia (e torna-se evidente que

a sua existência, em vez de servir a causa da paz, servira apenas as ambições daqueles que dela se apropriaram).

Mas a ideologia do progresso ainda não morreu. A classe dominante da Europa põe os olhos na América. A racionalização faz sucesso. Ela deverá permitir o prolongamento do domínio duma classe. Há o exemplo da América—métodos, factos e cifras sólidas. O prestígio dos E. U. é imenso—«a Europa deve seguir o exemplo da América» (J. L. Duplax—«Sa Magesté, la machine»). E segue—a racionalização intensifica-se nos países europeus mais industrializados. Na própria Europa aparecem novos sistemas de racionalização: «bedaux», «fayo-lismo», etc.

Henry Ford conquista na América e na Europa uma enorme popularidade.

Formado no ambiente da expansão económica americana e enbebido nas teorias de Taylor, Ford vem completá-las com a «cadeia mecânica» (G. Friedmann considera, neste aspecto, o «fordismo» como uma espécie de exorcência do «taylorismo»).

Ford, porém não se limita ao aspecto técnico—dêle nos vem um veemente apêlo ao progresso. Para ele, a indústria deve ser «criadora», isto é: ir à frente das necessidades do público, educando-o, criando-lhe novas necessidades. Assim não haverá crises na indústria. A indústria deve servir (o servir é a palavra mágica do expansionismo americano). A procura não cria a produção. O contrário é que é verdadeiro. As massas devem consumir o que produzem. Para isso são-lhes necessários repousos. Ford faz a apologia dos altos salários (sofisma cuja aceitação dependeu apenas do facto da América atravessar um período de expansão), tece calorosos elogios à máquina. A máquina não suprime o trabalho humano, dá-lhe novas ocasiões de se exercer. Não há desemprego, mas simples deslocação de trabalho. O desemprego é exclusivamente devido às indústrias não-criadoras.

A racionalização não mecaniza o homem, pelo contrário, a tendência da indústria moderna é formar operários que se orientem com inteligência em várias ocupações.

E o exemplo americano frutifica. Na Europa, os países mais industrializados haviam adoptado a racionalização, confiando em que ela viria renovar o sistema económico vigente.

Mas, o progresso não viverá muito.

Durante a guerra, com a falta de mão de obra, a mecanização intensificara-se, tinham surgido invenções cujos resultados, dentro do sistema económico capitalista, foram: o desemprego, a baixa dos salários, a miséria e a fome no meio de forças produtivas poderosíssimas, o reforço dos imperialismos.

Trabalhadores, a quem se tinha feito acreditar que o próprio desenvolvimento económico levaria à realização das suas esperanças (daí as tendências reformistas—para as conquistas sucessivas e pacíficas do sindicalismo), começa a desanimar, a deixar de crer no progresso. As realidades são—o desemprego, a baixa dos salários, a racionalização levada a extremos de desumanidade, a repressão dos movimentos de reivindicação. Onde está o progresso? As classes médias sentem-se ameaçadas pela concentração crescente. Os trusts e cartéis fazem uma guerra sem tréguas à pequena indústria. Os pequenos e médios produtores arruinam-se e proletarizam-se. Os monopólios, encarecem o custo da vida.

Por sua vez, a parte mais rica da classe dominante também não encara com optimismo os seus destinos. A classe operária, que a realização das promessas. A racionalização de que a classe dominante esperava uma renovação do sistema económico, viera aumentar o número dos seus inimigos e torná-los mais encarniçados na luta.

E' necessário fazer crer que é impossível qualquer melhora-mento, que a vida é assim—um vale de lágrimas—e que não poderá ser de outra maneira, que o progresso foi uma estúpida ilusão. Trabalhadores organizados, motins, burguesia descrendo do progresso. A democracia social, a igualdade, a ciência, as luzes, já nem como mitos lhe interessam. E' preciso conter em respeito os inimigos, não lhes dar esperanças em quimeras, atribuir todas as culpas à técnica, às aplicações da ciência (como se costuma dizer «tirar a água do capote»).

Além disso, como há-de agora interessar-lhe a análise racional da sua civilização, em que os fundamentos éticos do seu domínio haviam forçosamente de ser postos em dúvida?

E a classe dominante, sobretudo a parte mais poderosa, pensa já que talvez uma restrição da técnica—um retrocesso—lhe pudesse assegurar um prolongamento do seu domínio.

Decididamente, o progresso foi um mito, que é preciso abandonar.

Luta-se pelos mercados, pelas matérias primas, por domínios coloniais e por zonas de influência. A S. D. N. sofre irremediáveis derrotas. As coisas agravam-se.

«Quando na 5.ª feira de 24 de Outubro de 1929 estoura o pânico na Bolsa de New-York, pode dizer-se que começa uma nova fase da história mundial do capitalismo.»

«Nesse dia, conclusão de uma das mais loucas inflações, desastre duma confiança quasi mística na elasticidade indefinida da «propriedade», treze milhões de títulos são lançados no mercado. O valor das acções cai verticalmente (G. Friedmann—«Crise do Progresso», p. 130)

Percy Rockefeller, John Raskob, etc., especulam com a baixa dos preços. Isto faz aumentar a desconfiança das massas no regime de que eles eram os grandes representantes e os grandes sustentáculos.

A crise industrial segue de perto a crise financeira. A produção diminui.